

Práticas de linguagem de mulheres feministas na internet: questionando a neutralidade da língua

Karla Fernanda Fonseca Corrêa AVANÇO

Joana Plaza PINTO

Faculdade de Letras, UFG

karla.avanco@gmail.com

Palavras-chave: língua, feminismo, internet, neutralidade

Introdução

Apesar das grandes conquistas já realizadas pelas mulheres, muitas ainda vivem em espaços de pouca visibilidade, ou até de invisibilidade, fenômeno que alcança inclusive a dimensão linguística, limitando a participação das mulheres no espaço público. A Internet e as comunidades estabelecidas *online* têm possibilitado uma transformação nessa situação. A relação das mulheres com a internet envolve aspectos variados como o ativismo político, a (des)informação, apoio moral e terapia, comunicação, sexualidade, entre outros.

Uma das possibilidades trazidas pela internet é a do ativismo *online* que permite que as mulheres ultrapassem barreiras geográficas e trabalhem em diferentes grupos e comunidades, coloca em contato mulheres de culturas diferentes que dividem as mesmas preocupações, que lutam pelas mesmas causas buscando autonomia, liberdade e emancipação (HARCOURT, 2000; MORAHAN-MARTIN, 2000).

Além disso, nas relações estabelecidas *online*, as mulheres podem encontrar pessoas que não encontrariam na vida real por razões geográficas e sociais, sem contar que tais relações podem ser alimentadas e estimuladas continuamente. E mais, a não presença física e a possibilidade de anonimato podem resultar em desinibição, estimulando uma comunicação mais aberta e produzindo sentimentos de segurança e as comunidades *online* ainda possibilitam um sentimento de pertencimento e aceitação por indivíduos que pensam de maneira semelhante (HARCOURT, 2000; KENNEDY, 2000; MORAHAN-MARTIN, 2000). A participação em tais grupos pode ser ainda terapêutica e empoderadora (MORAHAN-MARTIN,

2000, p. 686). E, a partir dessas comunidades, as mulheres estão construindo solidariedades entre grupos que compartilham do mesmo objetivo, mesmo sem nunca terem se encontrado pessoalmente.

Mas a internet possibilita a expressão tanto política quanto pessoal, e isso tem permitido às mulheres criarem uma nova cultura *online*, acenando para uma nova forma de comunicação, dividindo experiências e apoio político, encorajamento moral, estabelecendo um senso de comunidade entre elas, por meio de conquistas compartilhadas já que fazem parte de uma rede. Além disso, as mudanças nos padrões de comunicação também vêm ocorrendo, permitindo cada vez mais liberdade e impacto de expressão.

A comunicação *online* pode ser mais democrática devido à ausência física da presença social, diminuindo as limitações sociais, raciais, de gênero etc.; portanto, há uma maior possibilidade de igualdade. Contudo, a comunicação é baseada em textos e os padrões (e as diferenças) linguísticos podem ser ampliados e, por isso, as diferenças de *status* permanecem na comunicação mediada por computador. Além disso, desigualdades de gênero encontradas nas comunicações *online* são continuações de comportamentos da vida real, como a tendência de homens de dominarem as conversas (MORAHAN-MARTIN, 2000, p.687). Por isso os grupos de mulheres na internet são importantes, já que ajudam a criar um espaço de voz para mulheres, incentivam o desenvolvimento e a aprendizagem (não só em relação à tecnologia) e ajudam na seleção e interpretação de informações de boa qualidade e relevantes para as mulheres.

Esta pesquisa está inserida em um projeto maior¹ cujo objetivo é focalizar as produções linguísticas em contextos pós-coloniais e não-hegemônicos. Em termos mais específicos, visa analisar como as concepções de linguagem são produzidas nesses contextos, discutindo a relação de tais concepções com as identidades contemporâneas e qual seu papel na contraposição às desigualdades. A partir desse objetivo maior, o objetivo desta presente pesquisa é investigar quais são as concepções de linguagem de mulheres feministas na internet, ou seja, o que elas contestam/afirmam, como elas o fazem e qual(is) o(s) produto(s) final(is) (ou seja, qual(is) a(s) noção(ões) de língua que surge(m) a partir disso).

¹ Trata-se do projeto “Linguajamentos, corpos em crise e crítica do conhecimento: contra-hegemonias epistêmicas contemporâneas sobre linguagem”, cadastrado no SAPP/UFG sob n. 33912.

Materiais e Métodos

Este trabalho investiga a concepção de linguagem de um grupo de mulheres feministas que fazem parte das *Blogueiras Feministas*. Esse grupo é formado por mulheres (e alguns homens) que vêm de diversas partes do país e que trazem consigo sua história, suas experiências de vida. A história do grupo começou durante o período eleitoral de 2010, quando Conceição Oliveira, ou Maria Frô, historiadora, educadora, feminista e blogueira, enviou um email para colegas feministas buscando opiniões sobre temas relacionados à mulher. As conversas por email revelaram-se tão produtivas que Cynthia Semíramis, com graduação e mestrado em Direito, professora universitária, feminista e blogueira, resolveu criar um grupo de discussão. Através de anúncios e convites em *blogs* de mulheres feministas e no *microblog Twitter*, o grupo nasceu e cresceu. As pesquisadoras também são feministas e uma delas, Karla Avanço, entrou para o grupo dessa forma. Karla Avanço é blogueira, tendo visto no *Twitter* um convite para participar.

A partir da troca de informações e dos debates sobre assuntos diversos, (quase) sempre envolvendo abordagens feministas, percebeu-se a necessidade de se criar um *website* para que as ideias não permanecessem restritas à lista e mostrar o quanto o feminismo é um movimento plural. Desde então o grupo se tornou muito mais do que ele imaginava. Se o objetivo era discutir questões políticas e sociais sob a perspectiva do feminismo ou era ler e discutir textos teóricos sobre o feminismo, isso não vem ao caso. A questão é que muitas mulheres encontraram ali um espaço de reflexão, de apoio, um lugar para compartilhar suas opiniões sem medo de ser criticada, um espaço para usar sua voz. De certa forma, pode-se dizer que o grupo se tornou um grupo de consciência, que se caracteriza por uma dinâmica na qual as participantes são encorajadas a falar sobre suas vidas, desejos, medos, ambições, sonhos, frustrações etc. Caracteriza-se ainda por uma prática de troca de experiências e saberes, de ativismo político e de constituição de uma comunidade que visa a dar mais visibilidade à mulher e às causas relacionadas à mulher.

O grupo tem um *website*, com o mesmo nome, desde novembro de 2010. Nele as participantes do grupo escrevem. Para a realização desta pesquisa serão avaliados os textos publicados de 14 de dezembro de 2010 até 31 de maio de 2011. Neste presente trabalho são discutidos resultados parciais obtidos por meio da

análise dos textos publicados da data inicial até 12 de janeiro de 2011, totalizando 32 textos. Os textos, como já foi mencionado, são escritos pelas integrantes do grupo e tratam de assuntos variados, sempre sob um ponto de vista feminista.

Resultados e discussão

O objetivo desse trabalho, como já foi dito, é identificar a concepção de linguagem de mulheres feministas no *website* Blogueiras Feministas e interpretá-las à luz das teorias feministas e pós-coloniais. Uma das concepções encontradas diz respeito à noção de neutralidade da língua. Na língua portuguesa, o masculino funciona como masculino e como neutro, mas, como afirma uma das integrantes do grupo, na nossa língua não existe neutralidade assim como não há neutralidade na sociedade (LOPES, 2011). Dessa forma, o feminino deixa de ser representado, e, através dessa estrutura gramatical, as relações de poder, de dominação e opressão são reveladas. Segundo bell hooks (2008, p.858), a língua do opressor é um construto que tem “o potencial para desempoderar aquelas e aqueles entre nós que apenas começaram a aprender a falar, que apenas começaram a aprender a reivindicar a língua como um lugar onde nós fazemos de nós mesmos sujeitos”. Através da língua portuguesa, esse desempoderamento das mulheres é operado. A categorização de substantivos em termos de gênero pode parecer irrelevante; contudo, o sistema linguístico-gramatical de uma língua revela questões políticas (CALDAS-COULTHARD, 2007). A defesa de uma língua neutra é uma forma de camuflar a invisibilidade das mulheres, escondendo as relações hierárquicas que se estabelecem em nossa sociedade.

Lopes (2011) ainda reforça que o que é marcado na língua é o feminino, ou seja, a diferença, assim como outras diferenças são marcadas: de raça, sexualidade etc. Por isso, ela continua, “nosso trabalho é duplo: desconstruir esse neutro-normativo (homem, branco, hétero) e reconstruir um sentido neutro real, em que as pessoas sejam notadas pelo que são e não pelo grupo no qual foram inseridas”. Portanto, além de discutir a linguagem e seu uso, ainda é apresentada uma proposta de reconstrução, de reinvenção, a fim de se ir além das fronteiras de opressão. A língua, em vez de ser o lugar da opressão, passa a ser o lugar da resistência.

A questão da língua tende a ser desprezada até mesmo pelas discussões sobre diversidade e multiculturalismo, como afirma bell hooks (2008). Há uma

assimetria no emprego do código linguístico. Contudo, “mudar a maneira como nós pensamos a linguagem e como nós a usamos necessariamente altera a maneira como nós sabemos o que nós sabemos” (HOOKS, 2008, p.862).

Conclusão

As mulheres têm lutado contra a invisibilidade em diversas esferas. A internet tem se tornado um espaço de transformação da visibilidade política da mulher, pois garante o exercício da voz. Além disso, na internet é possível o estabelecimento de vínculos, estimulando o sentimento de pertença em um grupo de iguais. Esse espaço vem tornando favorável o desenvolvimento de grupos que se engajam no ativismo *online*. A pesquisa das concepções de linguagem desenvolvidas por grupos não-hegemônicos nos permite discutir assuntos fundamentais na língua, mas também ressignificar as relações entre usuárias e usuários e a língua, além daquelas entre mulheres e homens entre si, passando por transformações no próprio cenário político-social.

Referências

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro colega: exclusão linguística e invisibilidade. *Discurso & Sociedad*, vol. 1, n. 2, p. 230-246, 2007. Disponível em: <http://www.dissoc.org/ediciones/v01n02/DS1%282%29Caldas-Coulthard.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2011

HARCOURT, Wendy. The personal and the political: women using the internet. **CyberPsychology and Behavior**, Smithfield, v.3, n. 5, 2000.

HOOKS, Bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 16, n. 3, dez. 2008. Disponível em <http://homolog.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jun. 2011.

KENNEDY, Tracy L. M. An Exploratory study of feminist experiences in cyberspace. **CyberPsychology and Behavior**, Smithfield, v.3, n. 5, 2000.

LOPES, Barbara. Gênero neutro. In: **Blogueiras Feministas**. 2011. Disponível em: http://blogueirasfeministas.com/2011/genero_neutro/. Acesso em 13 jun. 2011.

MORAHAN-MARTIN, Jane. The personal and the political: Women using the Internet. **CyberPsychology and Behavior**, Smithfield, v.3, n. 5, 2000.